

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – O COLAR.....	02
CAPÍTULO 2 – CAMINHOS QUE SE ENTREOLHAVAM.....	10
CAPÍTULO 3 – O IDIOTA DO FUTEBOL.....	21
CAPÍTULO 4 – UMA VISITA PARA JOHN.....	32
CAPÍTULO 5 – A VIAGEM DE TROÇÁRIO.....	48
CAPÍTULO 6 – A CHEGADA AO BATALHÃO.....	63
CAPÍTULO 7 – O DUELO, O DESERTO E O DRAGÃO CARNEIRO.....	70
CAPÍTULO 8 – GUERREIROS VOADORES.....	83
CAPÍTULO 9 – ENCOJURUS ETERNATY.....	94
CAPÍTULO 10 – OS TRAÇOS DA DOENÇA.....	103
CAPÍTULO 11 – OS CHIFRES DO TOURO.....	115
CAPÍTULO 12 – FALCH, O HOMEM FALCÃO.....	129
CAPÍTULO 13 – VULCÃO DO ABISMO.....	137
CAPÍTULO 14 – O HOMEM DA FOICE PRATEADA.....	147

CAPÍTULO 1 – O COLAR

No dia 05 de Janeiro do ano de 2005, num residencial militar localizado na cidade do Rio de Janeiro, dois soldados que faziam o controle de entrada e saída foram misteriosamente assassinados. As autoridades locais abriram uma minuciosa investigação para resolverem o caso. Analisaram tudo naquele local e constataram diversas falhas não só da área, mas também dos próprios sentinelas encarregados pela segurança daquela noite. Além das câmeras de monitoramento não funcionarem, havia alguns pontos que não estavam iluminados adequadamente, a guarita era muito exposta e os militares em serviço não tinham o equipamento de proteção que necessitavam para eventual emergência. Outros dois sentinelas que estavam na guarita acima, não viram e nem ouviram nada, já que cochilavam ao invés de estarem atentos ao plantão.

— Isto é um desaforo ao nosso comando! – afirmou o general Leci, comandante da área militar sudeste, em entrevista coletiva. — Não podemos permitir que a bandidagem afronte a nossa tropa desse jeito, a partir de agora tomaremos medidas cabíveis e lhes asseguro que algo do tipo jamais voltará a acontecer.

No decorrer da semana, uma enorme mudança ocorreu naquele lugar, ao invés de quatro, foram colocados mais doze sentinelas para monitorarem a rua, todos armados, com colete à prova de munições. Câmeras novas foram colocadas em todas as partes, a rua fora mais iluminada e até cães e viaturas estavam sendo utilizados. Não só aquela rua estava tendo o contingente reforçado, mas toda a área militar correspondente ao general Leci. Viaturas, cavalos, cães, armas, soldados, cabos, sargentos e oficiais, todos agora tinham por responsabilidade tomar conta de pontos específicos; esta era a única maneira, segundo o general, de evitar que mais casos como aquele acontecessem por aqueles lados. Três simples postos de controle de entrada e saída de pessoas e veículos, agora haviam se transformado em verdadeiros “muros de defesa”.

O tempo passou e nada fora apurado sobre o caso, não havia testemunhas, imagens, rastros, nem mesmo a perícia conseguiu concluir a real causa da morte dos militares. Com o tempo, a polícia arquivou o caso e para homenagear os militares, no local de suas mortes foram construídas duas guaritas com o nome dos respectivos soldados: Guarita Andrew e Guarita Lascer. Com o contínuo passar do tempo e a troca de comando, as guarnições foram reduzidas e tudo voltou a ser como era antes, embora com pequenas diferenças. O que aconteceu de verdade naquele lugar não foi obra de bandido ou de alguma outra coisa qualquer de conhecimento do general ou de outras autoridades locais, o que, na verdade, aconteceu, ser humano algum conseguiria explicar.

A rua cabo Ambrósio, rua larga e com diversas casas onde moravam coronéis, capitães, tenentes e comandantes de diversas organizações militares, era transversal com a Rua Capitão Aberlar e era monitorada por dois postos de segurança, um em cada esquina. Os postos ficavam um de frente para o outro em uma distância de dez metros. Mais acima, a trinta metros, na Rua Capitão Aberlar, ficava outra guarita monitorada por outros dois soldados. As guaritas eram simples: dois murinhos em cada lado, esquerdo e direito, de um metro e meio, chapiscados com cimento, quatro colunas de madeira sustentavam uma marquise de amianto que (mal) protegia da chuva e do sol.

Eram três e quarenta e cinco da manhã, faltavam quinze minutos para que a outra guarnição chegasse e substituísse os soldados. A noite estava fria e chuviscava bastante, a rua não era lá muito iluminada e por toda via nas calçadas havia árvores grandes de formatos assustadores. Não se ouvia nada, a não ser o barulho da chuva caindo no chão e nas telhas das casas. Andrew estava agoniado, já havia quase duas horas que ele estava ali em pé, debaixo de uma marquise, sempre olhava para trás para ver se a rendição estava chegando. Lascer andava de um lado para o outro, nem se importava com a chuva, só queria se mover para não cair no sono. Não era a primeira vez que os militares estavam de serviço, já tinham vigiado aquela rua muitas outras vezes e nada fora do normal havia acontecido. Eis, então, que se ouviu um barulho como se fosse de gatos brigando vindo de dentro de um terreno baldio que tinha perto da guarita onde Andrew estava.

— Ei, Lascer, ouviu isso? – perguntou Andrew, meio receoso.

— Ah! Não se preocupe, deve ser esses gatos malditos que vivem brigando – disse. Estava sem paciência e quase pegando no sono.

— É, deve ser...

Andrew olhou para o chão se perdendo em pensamentos e observando seu boot bem engraxado e quando voltou seu olhar para cima, viu saltar de dentro do terreno um homem vestido de preto, cabelos longos e escuros. Na mão direita tinha uma espada de prata e na esquerda segurava um colar dourado de pingente vermelho que reluzia muito.

— Ei, você, pare agora! – ordenou Andrew.

O homem passou por ele sem se importar com o que dizia. O sujeito agoniado estava fugindo de algo, muito cansado e desesperado.

— Lascer, vamos atrás dele! – logo em seguida, antes que Lascer pudesse esboçar qualquer reação, uma bola azul fluorescente voou em direção a seu peito o derrubando no chão e o matando instantaneamente como se a vida dele nunca tivesse existido.

— Lascer! – gritou Andrew, sem entender nada; seu grito foi agonizante.

— Mate o outro! – ordenou uma voz esganiçada. “Zuum” ouviu-se e Andrew também caiu no chão, morto.

— Vamos atrás dele! – ordenou novamente a voz.

O homem de roupa preta, ao ver que continuava sendo perseguido, pulou dentro do quintal do Capitão Stuart, no número 718, cinquenta metros depois de onde Andrew estava. Vendo que já não havia mais saída, lançou o colar que estava em suas mãos por debaixo do vão da porta da casa. O colar deslizou pelo chão de madeira e parou perto da estante de mármore que havia na casa. O pingente reluziu ainda mais como se sentisse uma grande energia e logo apagou.

— “Giarhh”, “Giarhh”! – e os perseguidores saltaram por cima do muro, um jogou o peso do corpo sobre ele, o derrubando no chão. A espada do homem desapareceu ao receber do outro perseguidor uma luz laranja que saiu de suas “mãos”.

— Achou que poderia escapar de nós? – disse a criatura com os dentes à mostra, vangloriosa.

As criaturas eram verdes, tinham cerca de um metro e trinta de altura. Suas peles eram enrugadas e tinham dentes afiados, cara e barbatana como as de um tubarão. Suas mãos eram longas e finas com garras pretas afiadas na ponta dos cinco dedos, as pernas eram curtas e se assemelhavam a patas de frango. Usavam colete marrom e nos ombros, havia quatro estrelas de prata, duas em cada ombro. Cada sabre tinha uma esgrima. Eram idênticos, só o que os diferenciavam era um brasão dourado no peito, cada um com seu respectivo nome, o que estava em cima do homem chamava-se Tendy e o outro Elliot.

— Diga-me... Onde está o colar? – perguntou Elliot calmamente, tinha a voz esganiçada. Ambos não seguiam corretamente as sentenças do português.

— O colar não está mais em meu poder – respondeu, sabendo que poderia enganar as criaturas.

— Mentiroso! Não seja hipócrita! – esbravejou Tendy.

— Calma, Tenny, não precisamos perder o controle. – disse e voltou a se dirigir ao outro homem de preto. — Sabemos muito bem que você roubou o colar das mãos do mestre na hora mais preciosa de todas. E você ainda vem dizer que ele não está mais em seu poder?

— Isso mesmo, suas criaturas malignas, eu o lancei para longe, ele está muito longe daqui, vocês nunca mais vão possuí-lo de volta, nunca!

— Feche a voz! – disse Elliot, logo sacando a esgrima e dando um pequeno corte na bochecha do homem. — Não sabes o que fazes, seu tolo... Não percebeu que era a hora triunfal? Era a hora do nosso exército se fortalecer, iríamos ser poderosos, dominaríamos tudo e todos, você ainda iria receber uma patente alta no exército do mestre! Mais alta do que a que você já tinha! Mas você roubou o colar para ter todo o poder para você.

— Não seja tolo, eu não quero poder de colar algum. Aquilo é maligno, veio das profundezas!

— Se você não quer o poder do colar, então por que o roubou? – perguntou Elliot.

— A minha intenção era destruí-lo! Eu trabalho no CS e a uma hora dessas, eles já devem saber que eu estou em perigo, falta muito pouco para eles chegarem aqui

— Calhorda! E esse tempo todo você se fez de nosso amigo. Morra! – disse, levantando a esgrima pronto para fincá-la no coração do homem.

— Espere Tenny! Não vamos matá-lo agora, vamos o levá-lo ao mestre... Ele, sim, o saberá o que fazer.

— Isso, ao mestre! O mestre cuidará direitinho d'este ser... – e gargalhou esganiçadamente.

— Não, idiotas, não há nada que ele possa fazer, eu tirei o colar de vocês. Vocês vão cair novamente, assim como antes, porque haverá um...

— Feche a voz! – Tenny o tocou na testa, fazendo-o paralisar.

— Faça agora! – ordenou Elliot.

As criaturas deram as mãos. Tenny levantou as mãos para o alto e um raio silencioso veio em sua direção fazendo os três desaparecerem instantaneamente, foram embora sem perceber que o colar estava a metros de distância, o homem fez com que as criaturas saíssem dali, exatamente como ele queria.

Minutos depois, cinco homens fardados caminhavam na rua em direção à guarita onde Andrew estava. Ao chegarem, se depararam com o soldado caído no chão, pálido, e, mais a frente, Lascer também caído. Verificaram os corpos e acionaram o oficial encarregado pelo plantão daquele dia dando ali início à investigação. Na manhã seguinte, antes mesmo das sete horas, um alvoroço se formava na rua: eram jornalistas, investigadores, militares, curiosos, todos ali naquela rua queriam saber do fato ocorrido.

Na casa do capitão Stuart ainda não se sabia de nada. John Stuart, filho do capitão, foi o primeiro a se levantar; foi à cozinha e tomou café; logo após, foi até a sala assistir a televisão um pouco e percebeu que a sua rua estava sendo filmada e que ali, havia morrido dois homens. Assustado, levantou-se para ir chamar os seus pais, porém antes de ir para o outro cômodo,

percebeu que no chão, perto da estante da sala, havia um colar dourado. Possuía correntes finas, pingente de cristal em formato de gota com um líquido vermelho e viscoso por dentro. Sua atenção voltou-se para o objeto, pois ele tinha algo que o intrigava, era como se um ímã o puxasse. Pegou o colar, guardou-o no bolso e por alguns segundos, esqueceu-se completamente do que ia fazer. Sacolejou a cabeça ao lembrar-se e subiu ao outro cômodo para chamar o seu pai. O capitão Stuart, ao saber das mortes em sua rua, ficou surpreso, arrumou-se e foi para o lado de fora para saber de mais informações a respeito do caso.

CAPÍTULO 2 – CAMINHOS QUE SE ENTREOLHAVAM

A família Stuart era uma família feliz que vivia tranquilamente na cidade do Rio de Janeiro num residencial militar na Rua Cabo Ambrósio, número 718. O senhor Marcos Stuart Martin era capitão do exército, comandante de uma organização militar que ficava próxima a sua casa.

Todos os dias o capitão acordava cedo, levantava e tomava café da manhã sozinho. Fardava-se e seguia direto para o trabalho, às vezes se dava ao luxo de ler um jornal. Pegava o seu carro e ia para o quartel onde todos os dias da semana era recepcionado pela banda de música e pela guarnição responsável pela proteção do aquartelamento.

— Em continência ao comandante! Apresentar... Armas! – dizia o comandante da guarda. Enquanto os soldados ficavam em suas posições, o maestro regia a banda com canções animadas de hierarquia.

— 1º sargento Richarlison. Apresento guarnição pronta sem alterações! – dizia o sargento com peito erguido e com a mão direita à testa, prestando a devida continência ao superior.

— Tropa apresentada! Podem retornar as suas atividades! – dizia o capitão retribuindo a continência.

E todo dia era a mesma coisa, o capitão parava à beira do grande portão azul da companhia, saía de seu carro e algum soldado o abria. O sargento responsável pelo serviço apresentava a tropa, passava as alterações do serviço e o capitão prosseguia para seus afazeres diários no quartel.

O capitão Stuart não era lá um homem tão rígido. Criou seu filho, John Stuart Martin, da mesma maneira como os seus pais o haviam criado. Era um homem dedicado à família e ao trabalho. Sabia conciliar as duas coisas, nunca levava trabalho para casa ou a casa para o trabalho.

Nas horas em que tinha que cumprir os afazeres militares, andava sempre bem fardado. Sua farda verde estava sempre bem passada e limpa, seu calçado marrom sempre bem engraxado, sua boina bem alinhada à cabeça. Sabia impor respeito aos seus subordinados sem fazer com que eles sentissem medo. Ao contrário, todos gostavam do capitão Stuart, cochichavam pelos cantos que ele, sem dúvida, tinha sido o melhor comandante que já havia passado por aquela organização militar.

Quem não gostavam nada do capitão eram os recrutas, soldados que estavam se formando, isso porque o capitão Stuart sempre os deixava depois da hora para limparem toda a companhia. Também, como era muito forte fisicamente, na hora dos exercícios, nenhum recruta conseguia acompanhá-lo nas corridas e nas flexões. Sem contar nas inúmeras horas de *ordem unida* que eles tinham que ficar fazendo, embora isso seja algo normal para o primeiro ano no exército Brasileiro.

No final do expediente, o capitão voltava feliz pra casa, pensando no que a sua esposa, a Senhora Alice Stuart Martin, havia preparado para o jantar. A senhora Alice cozinhava muito bem e trabalhava como chefe de cozinha em uma famosa rede de restaurantes chamada *Piatti Tipici*. Ela era muito experiente, por isso sempre a chamavam para cozinhar em grandes eventos.

O casal tinha um filho, um adolescente de dezesseis anos, não tão normal quanto aparentava. Ele estudava em uma escola militar (que oficial não colocaria seu filho em uma escola militar?), no segundo ano do ensino médio. John Stuart Martin era muito estudioso e, quando não estava estudando, procurava sempre algum esporte para fazer. Andava muito bem de skate, bem até demais e já havia conquistado a vitória em diversas competições na modalidade. Arriscava-se em manobras radicais e quase nunca caía, era como se o skate fizesse parte do seu corpo. Como se não bastasse, John Stuart também era excelente jogador de futebol, jogava como ninguém. Movimentava-se em campo com grande agilidade, seus *chutes a gol*

eram quase sempre certos e cobrava as faltas com perfeição, os amigos sempre o comparavam a famosos jogadores de futebol.

Como dito antes, John não era tão normal quanto parecia. De longe, era um menino comum, filho de um capitão do exército que estudava, praticava esportes e tinha boas amizades. Não era de dar problemas aos pais a não ser quando cismava de jogar bola na rua com os amigos e quebrava algumas janelas vizinhas. Ninguém da escola ou vizinhança falaria que John Stuart Martin seria algo do tipo. Aliás, sequer passaria pela cabeça deles, já que era algo de que eles nem faziam idéia da existência.

No segundo dia de fevereiro do ano de 2009, nas férias de verão, John Stuart Martin acordou cedo. Tomou café, colocou uma bermuda jeans com botões prateados e bolsos fundos, uma camisa de manga branca sem desenhos e um chinelo de dedo preto. Não saiu antes de escovar os hígidos dentes e passar um creme sobre a pele muito clara. Sua derme era tão branca que parecia não pegar sol há meses, o que era estranho, pois estava sempre jogando bola sem camisa. Saiu e ficou em frente a sua casa. A construção era verde, com detalhes brancos, telhas da cor de madeira e possuía um jardim muito florido que a senhora Stuart regava todos os dias.

— Está um belo dia! – disse John para si mesmo.

— Falando sozinho, John? – disse o senhor Nordin, vizinho de John.

Era um senhor de muita idade. Tinha as costas tão tortas quanto as suas pernas; a pele marrom estava flácida; os olhos eram amarelados e os cabelos, tão poucos quanto a sua audição, o velho tinha ficado surdo após uma explosão que ele nunca contava onde tinha acontecido.

— Senhor Nordin... Como vai? É claro que não estou falando sozinho.

— Eu vi você aí gesticulando, mexendo os lábios... Achei que estava ficando doido.

— Não, eu estava cantando.

— Ah, sim, claro. Escute, será que você poderia me ajudar um instante? É que eu tenho um armário muito velho que já não me serve mais, você poderia colocá-lo para fora?

— Sim, posso. – respondeu. Não queria ajudar, mas também não poderia ser indelicado com o senhor Nordin que, querendo ou não, era um dos ótimos amigos que John tinha.

O senhor Nordin era um dos coronéis reformados que viviam no residencial, serviu às forças armadas há muitos anos e sempre se orgulhava em contar as suas histórias dos méritos conseguidos. John era um dos seus ouvintes favoritos e sempre fazia questão de ir à casa do senhor Nordin para ouvir as histórias.

A casa do senhor Nordin era grande, porém não muito espaçosa. Era cheia de quadros, mesas, pratarias, tapetes, plantas e outros antiquários que recheavam os cômodos da casa, era como se ele vivesse em um museu. Havia variados objetos, entre eles, alguns que John e outras pessoas nunca, sequer, viram na vida. Eram coisas que John, em suas visitas, jurava que o próprio senhor Nordin tinha inventado ou comprado no estrangeiro. Como um abajur comprido, de dois metros, que possuía uma lâmpada de cristal com menos de quinze centímetros na ponta e que brilhava mais do que qualquer outra. Um abajur desse era suficiente para iluminar perfeitamente todo o cômodo sem irritar os olhos.

— Deixe-me tirar esse aparelho, ele me incomoda – e tirou o aparelho auditivo. Naquela hora John se remoeu, pois sabia o quão surdo o senhor Nordin era. — Aqui está, meu filho, é este, o armário – E apontou para um armário grande de alumínio com duas portas que aparentava pesar uns duzentos quilos.

— Mas isto é muito pesado – disse John.

— O quê?

— Isto... É... Muito... Pesado!

— Não tem nada assado, menino... É um armário... Vamos, leve-o para fora, mais tarde a mobília vem retirá-lo.

John pegou o armário. Não era tão pesado quanto aparentava, era leve até demais. John encontrou a posição correta e o levantou. Foi da sala até a rua ouvindo as reclamações do senhor Nordin.

— Cuidado, John, não deixe cair no chão! Cuidado com a parede rapaz!

O garoto já estava acostumado com as reclamações do senhor, portanto apenas levou o armário para fora e o colocou na calçada sem discutir. Ali, mais tarde, uma empresa responsável iria levá-lo.

— Mais fácil do que eu pensei – disse John.

— Falando sozinho de novo, menino? Você está ficando maluco.

— Eu não sou maluco.

— O quê?

— Eu não sou maluco – disse John, um pouco mais alto.

— O quê?

— Eu não sou maluco!

— Por que está me chamando de caduco?

— Bem, senhor Nordin, agora preciso sair. Tchau! — e despediu-se, antes que tivesse um ataque de nervos.

— Obrigado, John – e entrou murmurando umas palavras sobre a insanidade mental do rapaz.

John encostou-se ao muro de sua casa, que não era lá tão alto, e ali ficou olhando para os lados como se esperasse alguém. Estava angustiado, era como se tivesse marcado um encontro com alguma pessoa. Ora olhava para a esquerda e para a direita, ora para a padaria que ficava de frente para a sua casa. Percorria a rua com os olhos, aflito. Eis, então, que subindo a esquina, vindo da Rua Capitão Aberlar, surgiu uma menina muito linda aos olhos de John, cabelos negros e lisos até a cintura, pele branca, olhos verdes e boca rosada, andava meio que desfilando com o seu vestido branco.

John simplesmente ficou ali parado como estátua, o que se movia eram apenas os olhos e a cabeça que acompanhavam a menina passar. Ela também olhou para John rapidamente. Logo, entrou na padaria, fez as compras e saiu. John novamente não reagiu com movimentos, apenas a cabeça e os olhos seguiam a guarita por toda a rua.

— De novo? Ah! Por que isso acontece comigo? Perdi mais uma chance – disse John a si mesmo, lamentando-se.

Era óbvio, estava mais certo do que a metade de quatro ser dois. John Stuart estava gostando daquela menina que ele sequer sabia o nome. De vez em quando ele ficava ali em frente de casa esperando a menina passar, tomando coragem para ir falar com ela.

— Mas e se ela tiver namorado? Se ela não gostar de mim? Se ela me achar um idiota? – pensava John Stuart. — Amanhã eu vou falar com ela. Vou sim. – repetia isso todos os dias, mas nunca falava com a garota.

No outro dia, um pouco mais ousado, John ficou em frente à padaria tomando refrigerante de uva e, quando a menina se aproximou, ele foi ao encontro dela para perguntar, ao menos, o nome, o assunto que surgiria depois ficaria a critério do destino. Foi com muita confiança, até demais, porém tropeçou no próprio chinelo, que era dois números a mais do que calçava. Com o susto do tropeço, em uma ação de reflexo desajeitada, John perdeu o equilíbrio e derramou o refrigerante na roupa da menina.

— Oh... Desculpe-me, eu! Eu... – lamentava-se John.

— Não se preocupe, eu acho que um pouco de alvejante deve tirar essa mancha roxa. – E a menina saiu.

— Eu sou um estúpido – disse — isso só acontece comigo.

Naquele mesmo dia, John ficou em casa, no seu quarto, repetindo inúmeras vezes a cena que acontecera na padaria e refletindo em milhões de coisas que a garota poderia estar pensando a respeito dele.

— Não, não pode ficar assim! – dizia John.

Dois dias depois, enfim decidido, John se arriscou a falar com a garota de novo, porém, desta vez, sem refrigerante ou algum outro objeto na mão que pudesse causar um possível acidente.

— De hoje não passa. Mas, se bem que... eu estou com cara de bobão depois do fato ocorrido. Mesmo assim eu vou falar com ela, eu tenho que fazer isso e não posso desistir— disse para o passarinho, que estava em cima do muro; a ave apenas deu um pio e voou.

Tempos depois, a menina surgia da esquina, tão linda quanto nas outras vezes que John a tinha visto.

— Vamos lá, grande boy, é agora... Vamos lá! – disse John sozinho, aproximando-se da garota. — Oi! Será que eu posso falar com você um momento? – e sentiu um frio na espinha, como se estivesse pronto para saltar de paraquedas.

— Falar comigo? É claro, desde que não esteja com refrigerante por perto – e sorriu ironizando John.

— Ah, o refrigerante! Desculpe-me por aquilo, é que eu perdi o equilíbrio.

— Tudo bem, eu já iria jogar aquela roupa fora mesmo... Mas o que você tem a me falar? Se for pra pedir desculpa, pode ter certeza que ela já está aceita.

— Não, não é só isso. Sabe, é que eu vejo você passar por aqui às vezes e nunca falei com você. Você se mudou para cá há pouco tempo, não é mesmo?

— Sim, três meses. Moro na Rua Capitão Aberlar, e você, onde mora?

— Aqui, nesta casa! – apontou.

— Que casa bonita, quem mora com você?

— Meu pai e minha mãe...

— Apenas vocês três? Lá em casa, somos cinco... Uma bagunça.

— Cinco? – Naquela hora, John começou a perceber que o assunto fluía bem, mas precisava ir ao ponto final. — Poxa, interessante... É... Mas... Escuta... O que eu tenho que falar com você é que eu te vejo passar aqui às vezes e te achei uma garota muito bonita.

— Obrigado!

— E já que você é nova, eu gostaria de saber se, sei lá... Você gostaria de dar uma volta comigo.

— É claro! – disse, sem rodeios — Eu reparei em você, sempre que eu passo por aqui, eu te vejo aí encostado... Eu gostaria de sair com você, sim.

— Que horas e quando você está disponível?

— Pode ser nessa sexta-feira!

— Sexta-feira? Ótimo... Vamos nos encontrar aqui, então, às sete horas da noite.

— Sim... Mas só tem um problema.

— Qual?

— Você ainda não me disse seu nome.

— Ah! John, meu nome é John Stuart.

— John Stuart, não é lá um nome comum para Brasileiros.

— É... Longa história...

— Bom, conte-me na sexta feira, então. Até mais, John Stuart – se abraçaram e despediram-se.

E, naquela hora, John estava feliz, tudo o que ele havia pensado de ruim se desfez em um passe de mágica. Algo que ele achava que seria impossível tinha acontecido, finalmente havia conseguido falar com a garota e ainda marcar um encontro. Mal sabia que não iria tornar a vê-la tão cedo, pelo menos não naquele ano, ou nos seguintes.

Depois de a menina aceitar seu pedido, ele não se lembrou de mais nada, sua mente focalizou no encontro. Ficou tão tomado pelos sentimentos que se esqueceu de que naquela mesma semana iria iniciar algo que mudaria sua vida, que já estava marcado antes mesmo de seu nascimento. Não era algo lá muito comum, mas que para a raça de John, é tradição. Ele iria a um acampamento, porém não a um acampamento qualquer no qual se faz rodas em torno da fogueira ou se toma banho de lago ou que se canta à luz do luar.

CAPÍTULO 3 – O IDIOTA DO FUTEBOL

Nos dias que se passaram, John se manteve ansioso. Gostava da garota, isto estava claro, mas ao marcar um encontro com ela esqueceu-se por completo de um sério compromisso. Naquele ano, John iria completar dezessete anos de idade e teria que ingressar nas forças armadas. Talvez você esteja se perguntando: “O alistamento militar não é apenas para quem vai completar dezoito anos?” Sim, eu te respondo. Isso no exército comum onde os jovens devem comparecer à junta militar e se apresentarem para o serviço. Aonde John iria se apresentar não era um lugar conhecido por pessoas normais, mas, sim, um local onde os jovens completavam a maior idade com dezessete anos. Bom, pelo menos os humanos.

John Stuart era um garoto aparentemente normal, cabelos negros; olhos castanhos mel; corpo magro e branco; pés e mãos grandes; muito bonito; excelente jogador de futebol; skatista e muito inteligente, sempre se destacava entre os melhores na escola. John seria apenas mais um jovem normal se não fosse pela habilidade extraordinária que corria em seu sangue desde os primogênitos de sua linhagem. Esta habilidade seria ainda mais desenvolvida no decorrer daquela semana.

— Anda logo, John! – gritou Paulo, seu melhor amigo.

Era sexta-feira. À noite, John iria se encontrar com a garota.

— Já estou indo, o time já está pronto?

— É claro e só falta você. O que aconteceu para você se atrasar?

— Estou meio flutuante essa semana, eu não te contei o que aconteceu?

— Não... Conta!

A conversa foi interrompida por um barulho estrondoso que vinha de um escapamento de carro. Era como se sete grandalhões roncassem ao mesmo tempo, a fumaça que o carro produzia era negra, cor de carvão e subia como se possuísse asas. O automóvel tinha cor de pele, estava muito enferrujado e possuía quatro rodas pequenas que pareciam que, a qualquer momento, se desprenderiam. Atrás, uma carroceria com quatro garotos. Todos eles com roupa de futebol de cor azul-celeste com uma estrela branca no meio e que estava escrito ‘estrelas’ (nome criativo, não?) O que dirigia o carro era louro de olhos azuis e tinha o nariz torto, provavelmente por causa de algum acidente, já que a dianteira do carro era tão amassada quanto o nariz dele. O carona aparentava ser louco, pois gritava de alegria a cada vez que o escapamento estourava fazendo barulho similar ao de um tiro de pistola. Ele tinha os cabelos castanhos e seu corpo era tão fino quanto o de uma criança de doze anos.

— Vocês só podem estar de brincadeira, não é mesmo? Estão atrasados e ainda estão batendo papo – resmungou o motorista.

— E os caras de tucano estão nos esperando – disse o carona — andem logo, não fiquem nos olhando com essas caras de panacas, já levamos esporro dos sentinelas por causa do barulho que o carro faz. Quase não nos deixam entrar, sorte que o Vitor é filho do major Estrôncio.

— Fique calmo, capitão! – ironizou John.

Logo Paulo e John subiram na carroceria do carro velho e se juntaram aos outros meninos. O carro partiu em disparada entre estalos e fumaça. Seguiram para um campo de futebol não muito longe dali; um campo de grama sintética, com grades de proteção, localizado na praça do bairro. Quando chegaram, avistaram o time adversário em formação, como um pelotão de guerra. Tinham as caras sérias e debochadas e, também, muito feias. Eram sete garotos, um no gol, dois nas laterais, dois no ataque e dois na defesa e tinha mais um na reserva.

— E então, Cara de Peixe... Preparado? – perguntou o grandalhão, capitão e atacante do time. Ele era robusto e alto, barbudo demais para um garoto de dezessete anos. Tinha as mãos gordas e feias, com unhas amareladas que não eram limpas há semanas.

— Estamos. E então vamos jogar?

O time de John, também, tinha sete jogadores titulares. Um goleiro, Lucas, cabelos raspados, pele amarronzada. Dois zagueiros, Fernando, cabelos cumpridos e negros; Felipe, menino de dentes encravados. Dois laterais, Junior dono do carro velho e João Vitor, o que vinha de carona. John e Paulo eram os atacantes e Caio, menino de bochechas rosadas, era o reserva.

Os dois times posicionaram-se em campo um de frente para o outro, prontos para a partida de futebol.

Ambos os times já haviam se enfrentado em outras ocasiões e 50% dos jogos disputados não haviam terminado nada bem. O clima naquele dia, também, não era dos melhores.

A bola rolou com o time de John e logo nos primeiros passes uma falta foi cometida. Marcelo, o capitão do time adversário, deu uma troncada em John, que rolou pelo chão.

— Mais devagar, seu brutamonte! – resmungou John.

— O que foi? a princesa não aguenta um empurrãozinho? – ironizou Marcelo.

A bola voltou a rolar. John avançou com o domínio da bola entre os adversários, rolou a bola por debaixo das pernas de Vasconcelos, atacante, menino tão grande e robusto quanto Marcelo; John ziguezagueou pelos zagueiros, Cuscuz, menino baixo e branco, muito branco, e Ramires, menino alto e magro, magro até demais.

— Aqui, John! – disse Paulo, pedindo a posse de bola.

John chutou em direção a Paulo que saltou na frente do lateral Sebastião, que ainda tentou agarrar a sua camisa, sem sucesso. Paulo, em um chute certo ali mesmo da lateral, fez um golaço, marcando 1 a 0 para o seu time.

— Isso mesmo, Paulo e John! – comemorou Vitor.

Voltaram ao meio de campo e a bola rolou com o time de Marcelo. Vasconcelos, Marcelo e Ramires foram trocando passes até chegarem perto da área do gol; Junior, experiente, tomou a bola de Vasconcelos e logo a passou para Vitor, que adiantou a bola para Felipe, que estava mais a frente. Felipe correu um pouco, driblou Cuscuz e passou a bola para John que a lançou por cima de Antônio, duas vezes.

— Olé! – ironizou John.

— Você vai ver só, moleque! – disse Antônio.

John se adiantou com a bola e ficou frente a frente com o goleiro, Gene.

— Vamos lá, John! – desafiou Gene.

John mirou, ajeitou a bola e a chutou. Gene saltou como uma rã e agarrou a bola, caiu ao chão e logo se levantou debochando com uma gargalhada fria e alta.

— É só isso? Você já chutou bolas melhores!

Gene lançou a bola para Marcelo, que a dominou nos peitos. Marcelo virou-se para o gol, meio desajeitado e com as suas mãos empurrou Paulo e Fernando. Com um chute pesado arremessou a bola para o gol deixando o goleiro Lucas a ver navios, marcando 1 a 1 para o seu time.

— Toma lá! – gritou Marcelo.

— É isso aí! – comemorou Cuscuz.

— Não podemos marcar bobeira, time, vamos fazer pelo menos mais dois gols e segurar o placar – recomendou Júnior.

— Isso mesmo! Vamos lá! Força e reação! – disse Felipe.

John tocou a bola para Vitor, que estava logo atrás e ao mesmo tempo correu para perto do gol junto a Paulo. Vitor ajeitou a bola e a lançou por cima do campo. John apenas deu um toque nela com a cabeça lançando-a para dentro do gol e marcou 2 a 1 para seu time.

— Mas como isso é possível? Porcaria de time, vocês não viram isso? – esbravejou Marcelo.

— Eles foram rápidos como ratos – disse Cuscuz.

— Cala a boca, Cuscuz. E não vamos deixar isso acontecer de novo, ouviram?

— Ouvimos – responderam em coro.

— Já sei o que fazer... – pensou Marcelo.

A bola voltou a rolar com o time de Marcelo, que estava bravo por estar perdendo e arquitetou um plano. Olhou para Paulo e viu a oportunidade perfeita, mirou em seu rosto e chutou a bola com muita força. A pancada fez com que o garoto chorasse de dor ao chão.

— O que você fez? – perguntou John a Marcelo.

— Eu não fiz nada, ele estava aí, parado, com cara de tacho.

O jogo parou por alguns minutos, por causa da bolada certa na testa de Paulo que o desnor-teou por um instante.

— Você está bem? – perguntou Lucas.

— Acho que essa não é a pergunta certa a se fazer — disse Fernando.

— Não vou conseguir mais jogar por hoje... Coloque o Caio no meu lugar.

— Pode deixar que eu irei fazer um bom jogo — disse Caio.

— Confiamos em você!

— Tudo bem, John.

— As mocinhas estão prontas? – perguntou Marcelo.

O time não respondeu, apenas se colocou em formação no campo. John tocou a bola para Caio e o garoto logo foi levado ao chão graças a um encontro colossal com Marcelo.

— Mais um caído... Que pena...

— Você já está fazendo isso de propósito, Marcelo! Mais uma dessas e...

— E o que, pirralho? – Marcelo estufou o peito como um galo, era duas vezes maior do que John, ele o esmagaria facilmente.

— Deixamos de briga, certo? – disse Caio, levantando-se do chão — vamos jogar futebol.

John, novamente, rolou a bola e passou com facilidade entre Marcelo e Vasconcelos; Driblou Ramires rapidamente e tocou a bola para Caio; Júnior passou por trás de Caio, recebendo a bola, ajeitou-a para John e, num chute forte, John marcou mais um gol para o seu time.

Comemoraram. Marcelo esbravejou novamente com o seu time, não estava disposto a perder.

Quando a bola rolou com o time de Marcelo, o mesmo partiu com tudo para o gol. Derrubou John e Caio sem esforço algum; jogou o tronco em Júnior, que caiu por cima de Vitor; Fernando e Felipe nem chegaram perto dele; Lucas arregalou os olhos e com um pouco de dificuldade conseguiu agarrar a bola que veio em sua direção com velocidade de um meteoro.

— Ei, cara, você não joga limpo mesmo, não é?

— E o que você irá fazer a respeito? – disse Marcelo, agora parecendo ser três vezes maior do que antes, o que John poderia fazer? Um soco, que ele recebesse, seria o suficiente para mandá-lo ao hospital para receber um ou dois litros de soro na veia.

— Eu? Nada... – Disse John, sabiamente.

Mano a mano, John não teria chance alguma contra o grandalhão, ele sabia disso. Muito inteligente, resolveu resolver (sim, resolveu, resolver. Algo melhor a dizer?) a situação de um modo em que ele pudesse se dar bem, ou, ao menos, não se dar muito mal.

— Vamos lá, vamos jogar futebol! – disse Marcelo, se sentindo o mais poderoso de todos.

— É agora – disse John em tom baixo.

John rolou a bola e, se sentindo motivado, lançou-a por debaixo das pernas de Marcelo, correu a frente e jogou a bola por cima de Ramires, voltou e, novamente, passou a bola por debaixo das pernas de Marcelo, voltou de novo e arremessou a bola por cima da cabeça dele. Cuscuz e Ramires, numa tentativa falha, tentaram derrubar John, que, como uma lagartixa, esgueirou-se entre eles, fazendo-os passar direto. Marcelo voltou com tudo. Irritado, vinha correndo com todo o peso do seu corpo, pronto para arremessar John para longe.

— Talvez três ou cinco metros – pensava ele.

John Sibilou e Marcelo passou direto por ele. Irritado, voltou-se contra John, que estava parado. Mais uma vez, o menino, com sua extrema facilidade, lançou a bola por cima do grandalhão, que, irritado, em sua última tentativa, correu pra cima de John, que estava, mais uma vez, parado com o pé em cima da bola. Marcelo preparou um chute pesado e forte, John apenas saiu da frente. Marcelo chutou a bola e fez um gol sem querer, a favor do time de John. O placar ficou 3 x 1.

— O quê? Como pode, ele dribla todo mundo sozinho e ainda me faz marcar um gol contra?! – disse Marcelo. Estava mais nervoso do que nunca.

Todos ficaram admirados com John, inclusive seus amigos, que nunca o tinham visto jogar assim antes.

— Muito bem, John, você vai ser um brilhante jogador profissional de futebol – disse Caio.

— Com certeza... Estou treinando pra isso.